

EDITORIAL

No ano em que se evoca o bicentenário da Revolução Liberal e pelas suas importantes ligações à Grã-Bretanha, o presente número da *REAP/JAPS*, de 2020, será, pela primeira vez na história da Revista, um número temático dedicado exclusivamente às relações luso-britânicas ao tempo do liberalismo, mais precisamente da Revolução de 1820 à Restauração da Carta Constitucional, em 1842.

Assim, impõe-se, desde logo, chamar a atenção para o papel desempenhado pela imprensa portuguesa sedeadada em Londres, onde os exilados, seguindo, em grande medida, o modelo parlamentar britânico, tentavam divulgar as ideias liberais, bem como as vantagens de estabelecer uma monarquia constitucional. Neste contexto, o artigo de Eurico Dias – “Simbioses e Influências Britânicas na Imprensa Periódica Portuguesa (1808-1826)” – sublinha a acção desempenhada por estes periódicos na preparação das mentalidades para a mudança que se avizinhava, num contexto histórico-político anterior e contemporâneo da Revolução de 1820. De entre os títulos porventura mais emblemáticos, destacam-se o *Correio Braziliense ou Armazem Literario*, *O Investigador Portuguez em Inglaterra* e *O Portuguez ou Mercurio Politico*, bem como os articulistas Hipólito José da Costa, José Liberato Freire de Carvalho e João Bernardo da Rocha Loureiro.

A longa ausência de D. João e da Corte no Brasil permitira a ascensão de William Carr Beresford (1768-1854) em Lisboa, após a libertação definitiva de Portugal da ocupação das tropas francesas. De facto, no fim das Guerras Napoleónicas, Beresford voltou a Portugal para reassumir o comando do exército português, mas não se limitou a desempenhar esse papel, pretendendo intervir também na política geral do país. Nesse sentido, decidiu ir ao Rio de Janeiro procurar o apoio que desejava, regressando a Lisboa, em 1816, investido por D. João VI de amplos poderes, o que lhe trouxe vários problemas com a Regência. Passando a usufruir de uma posição de chefia que o sobrepuja aos governantes portugueses, Beresford teria dado ordens para que fossem capturados não só todos os suspeitos de jacobinos, mas também os alegados conspiradores que planeariam expulsar do país o Marechal britânico e, até, instaurar em Portugal um regime constitucional com uma Carta idêntica à que havia sido conferida a Espanha, em

Cádiz, em 1812. De facto, o “Supremo Conselho Regenerador e Após a Derrota Definitiva de Napoleão Bonaparte (1815), de Portugal e do Algarve”, integrando oficiais do Exército e maçons, visava introduzir o liberalismo em Portugal, expulsar os britânicos do controlo militar do país e promover a “salvação da independência” da pátria. Acusado de déspota, de brutalidade e de intromissão em assuntos nacionais, Beresford foi alvo do ódio que se fazia sentir em Portugal contra a altivez e a arrogância britânicas. Para se defender de um eventual ataque, em Maio de 1817, o Marechal teria organizado uma operação em Lisboa para aprisionar os presumíveis suspeitos, entre os quais se contava Gomes Freire de Andrade e Castro (1757-1817), acusado de conspirar contra a monarquia de D. João VI, então representada em Portugal pela Regência, sob o governo militar de Beresford. Após ter combatido na Legião Portuguesa, Freire de Andrade regressara a Portugal, onde foi perseguido, preso, julgado e condenado à morte. Depois de enforcado na Torre de São Julião da Barra, o seu corpo foi queimado em praça pública e os seus restos mortais lançados ao mar. Os outros alegados conspiradores foram enforcados e queimados no Campo de Santana (hoje Campo dos Mártires da Pátria). Este episódio, que intensificou o ódio antibritânico entre os liberais, foi recriado na peça histórica *Felizmente Há Luar!* (1961), de Luís Sttau Monteiro (1926-1993), constituindo objecto de estudo no artigo da autoria de Rogério Miguel Puga, intitulado “A Mitificação Negativa de Beresford e a Representação Carnavalesca de Interesses Anglo-Portugueses em *Felizmente Há Luar!* (1961), de Sttau Monteiro”. Do mesmo autor são duas recensões críticas a obras que se integram nos Estudos Anglo-Portugueses, conferindo alguma ou total importância a esta figura. Trata-se de *O Cemitério dos Ingleses, Elvas* (2019), onde se encontra um capítulo dedicado à acção do Marechal britânico em Portugal e, sobretudo, a sua recente (e muito esperada) biografia, *Marshal William Carr Beresford: ‘The Ablest Man I Have Yet Seen With the Army’* (2019), assinada por Marcus de la Poer Beresford. Na recensão crítica a esta obra destaca-se, no âmbito temático do presente número da Revista, o facto de Marcus Beresford defender que o seu ilustre antepassado não teve qualquer envolvimento na perseguição e posterior condenação

à morte de Gomes Freire de Andrade, posição que contraria a historiografia portuguesa em geral e, sobretudo, a dramatização do episódio por Stau Monteiro, atrás referido. Por uma feliz coincidência, Marcus de la Poer Beresford presenteou este número da Revista com um artigo da sua autoria – “Marshal William Carr Beresford and the Return to Portugal of the Portuguese Royal Family (1814-1830)” – no qual defende claramente a sua tese, assente no facto de Beresford não ter tido qualquer responsabilidade na morte dos conspiradores. Este texto traz muitas outras novidades sobre a relação de Beresford com Portugal, nomeadamente o seu regresso ao país depois de 1820, a relação de confiança mútua estabelecida com D. João e, ainda, as ligações que continuou a manter tanto com absolutistas como com liberais até ao início da Guerra Civil, o que, de certa forma, protagonizou a atitude de Londres face a Lisboa durante o mesmo período.

O regime liberal instaurado em 1820 não satisfazia os sectores mais conservadores da população, os quais reclamavam a restauração do absolutismo. À frente dos descontentes encontravam-se a Rainha D. Carlota Joaquina e o seu filho D. Miguel, que se recusaram a jurar a Constituição de 1822. Assim, em 1823, o levantamento absolutista ocorrido no Norte do país, animou o partido da Rainha e do Infante a revoltar-se. No dia 27 de Maio de 1823, deu-se a Vila-Francada, com vivas à monarquia absoluta, e decerto que mãe e filho projectavam a abdicação de D. João VI, que se mantinha fiel à Constituição que jurara. Contudo, o Monarca obrigou D. Miguel a submeter-se-lhe, as Cortes dispersaram-se, vários políticos liberais partiram para o exílio e o regime absolutista foi restaurado, embora D. João VI tivesse impedido a ascensão ao poder da facção mais radical, mantendo uma posição moderada. D. Carlota, D. Miguel e os seus apoiantes continuaram a conspirar e cerca de menos de um ano depois eclodiu uma nova revolta absolutista, a Abrilada, em 30 de Abril de 1824, que resultou no exílio do Infante D. Miguel em Viena e no de D. Carlota no Palácio de Queluz. Após a morte do pai (ocorrida em Março de 1826), D. Miguel regressou a Portugal, onde reinou entre 1828-1832. Estes episódios, sucedidos entre 1823 e 1826, foram ficcionalizados num romance histórico britânico

sobre a vida de D. Carlota, o qual constitui objecto de estudo no artigo de Gabriela Gândara Terenas, intitulado “*Never a Saint: D. Carlota Joaquina Protagonista de Episódios das Lutas Liberais num Romance Histórico Britânico*”. Na recensão crítica à recente obra de Malyn Newitt, *The Braganzas. The Rise and Fall of the Ruling Dynasties of Portugal and Brazil, 1640-1910* (London: Reaktion Books, 2019), a autora confere também especial atenção aos membros da dinastia de Bragança cujas vidas se enquadram no período em análise neste número: D. João VI e os seus filhos, D. Pedro e D. Miguel.

Através do esboço biográfico de um heróico oficial anglo-português, dedicado à causa liberal, mas pouco conhecido até agora, “Tomás Guilherme Stubbs (1776-1844), Oficial do Exército Português de 1800 a 1844”, Rui Moura relata-nos alguns dos episódios mais importantes, do ponto de vista das relações luso-britânicas, no período em apreço, nomeadamente a defesa da cidade do Porto, em 1826, com o apoio britânico, aquando da tentativa de restauração do absolutismo levada a cabo por regimentos realistas que haviam desertado para Espanha; a sua participação, com outros emigrados em Inglaterra, na “Belfastada” (1828); e a sua acção, ao lado de Saldanha, durante o cerco do Porto (1833). O fracasso da “Belfastada” obrigou a novo exílio dos liberais que haviam participado na tentativa de restaurar o regime constitucional. Entre eles encontrava-se o oficial Pereira do Lago, cuja expatriação em Inglaterra constitui objecto de estudo do artigo de Maria Zulmira Castanheira, intitulado “Exílio e Escrita de Viagem ao Tempo do Liberalismo: a Experiência do Brigadeiro António Bernardino Pereira do Lago em Inglaterra: Ver e Aproveitar”, o qual se centra na forma particular como este emigrado viveu a sua experiência, contada ao estilo de um relato de viagens, no qual sobressai a grande admiração que demonstra pela liberdade então vigente no país de acolhimento, por oposição ao regime opressivo imposto por D. Miguel em Portugal.

Para além dos artigos especificamente dedicados à temática do presente volume da REAP/JAPS, devem ainda referir-se a recensão de Teresa Pinto Coelho à obra de Cláudia Pazos Alonso, *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture. Pressing for Change* (Oxford: Legenda, 2020) e o projecto apresentado por Miguel Alarcão sob o

título “*As Cartas de Inglaterra* (1973) de D. Pedro Homem de Mello (1904-1984)”. A recensão crítica diz respeito à acção de uma mulher anglo-portuguesa, Francisca Wood, na imprensa lusa da segunda metade de Oitocentos. Embora esta figura já tenha constituído objecto de análise no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, Teresa Pinto Coelho sublinha, na obra de Cláudia Pazos Alonso, o facto de Wood ter constituído um exemplo da primeira vaga de feminismo na Europa, nomeadamente ao abordar, nos seus editoriais, assuntos como as relações de género, a educação feminina e os direitos políticos das mulheres. Evidenciando novos dados, desconhecidos até agora e descobertos por Pazos Alonso, sobre a vida do casal Wood em Lisboa e da actividade jornalística de Francisca, a autora assinala o facto de esta anglo-portuguesa se inserir numa rede transnacional constituída por figuras europeias e norte-americanas defensoras dos direitos das mulheres. Por seu turno, o projecto apresentado por Miguel Alarcão sugere novos trabalhos a realizar no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, nomeadamente a análise de cinquenta e um poemas, da autoria de Pedro Homem de Melo, evocativos de personalidades, ambiências e espaços britânicos, bem como as origens do ensino-aprendizagem da língua inglesa e dos estudos anglísticos em Portugal, através de escolas, colégios e universidades, tendo como ponto de partida o Instituto Britânico em Portugal, a cuja fundação Homem de Melo esteve ligado.

O presente número é dedicado à memória do querido e saudoso Prof. Doutor António Bernardo Lopes, da Universidade do Algarve, que nos deixou porventura cedo demais e quase sem aviso. Assíduo colaborador da *REAP/JAPS* e membro da sua comissão redactorial, bem como participante activo em vários grupos de investigação do CETAPS, António Lopes, para além de um entusiasta pelos Estudos Anglo-Portugueses era, acima de tudo, um colega exemplar e um grande investigador. Deixa excelentes recordações entre os seu pares e a promessa de uma carreira académica de grande sucesso.

Outubro de 2020
Gabriela Gândara Terenas

EDITORIAL

In this, the bicentenary year of the Liberal Revolution and in recognition of its important links to Great Britain, the present issue of *REAP/JAPS* will, for the first time in its history, be devoted entirely to Anglo-Portuguese relations during the period of Liberalism, or more precisely from the Revolution of 1820 to the Restoration of the Constitutional Charter in 1842.

Due emphasis is therefore given to the central role of the London-based Portuguese press, through which exiled writers promoted liberal ideas, extolled the advantages of a constitutional monarchy and advocated what was, essentially, the British parliamentary system. In addressing the subject, Eurico Dias' article "Simbioses e Influências Britânicas na Imprensa Periódica Portuguesa (1808-1826)" underlines the part played by such periodicals in preparing public opinion for imminent change, in the socio-political environment leading up to and coinciding with the Revolution of 1820. Perhaps the most emblematic amongst them were the *Correio Braziliense ou Armazem Literario*, *O Investigador Portuguez em Inglaterra* and *O Portuguez ou Mercurio Politico*, whilst the more influential writers were Hipólito José da Costa, José Liberato Freire de Carvalho and João Bernardo da Rocha Loureiro.

The prolonged absence of the King D. João and his court in Brazil paved the way for Field-Marshal William Carr Beresford's (1768-1854) rise to power in Lisbon, following the final liberation of Portugal from the French forces of occupation. Upon returning to Portugal at the end of the Napoleonic Wars to resume command of the Portuguese Army, Beresford, rather than accepting the limitations of his post, decided to play an active part in the political affairs of the nation. Intent on consolidating his role, he travelled to Rio de Janeiro, returning to Lisbon in 1816, invested with ample powers by the King, which led inevitably to conflict with the Regency. Elevated to a position of authority which surpassed even the Regency, he gave orders to arrest not only those accused of Jacobinism but also those suspected of conspiring to expel him from the country and planning to introduce a charter similar to the one which had been granted to Spain in 1812, at Cadiz. In effect, the so-called "Supremo Conselho Regenerador e

Após a Derrota Definitiva de Napoleão Bonaparte (1815), de Portugal e do Algarve”, which was made up of military commanders and leading freemasons, had vowed to put an end to British military control of Portugal and “save the independence” of the nation. Accused of despotism, brutality and interference in national affairs, Beresford became the target of Portuguese hatred against British hubris and arrogance. In May 1817, he launched an operation in Lisbon allegedly to prevent an attack on his person, arresting a series of suspects who included Gomes Freire de Andrade e Castro (1757-1817), accused of conspiring against the sovereignty of D. João VI, represented at the time by the Regency, under Beresford’s military rule. On his return to Portugal after having fought in the Portuguese Legion, Freire de Andrade was hunted down, arrested and condemned to death. After being hung at S. Julião da Barra, his body was publicly burned and his remains were thrown into the sea. Other alleged conspirators were hung and their bodies burned in Campo Santana (now Campo dos Mártires da Pátria).

This episode, which led to the intensification of Anti-British sentiment amongst liberals, was recreated in the historical play *Felizmente Há Luar!* (1961), by Luís Sttau Monteiro (1926-1993), and is the subject of Rogério Miguel Puga’s article entitled “A Mitificação Negativa de Beresford e a Representação Carnavalesca de Interesses Anglo-Portugueses em *Felizmente Há Luar!* (1961), de Sttau Monteiro”. Also by the same author there are two reviews of works which fall within the scope of Anglo-Portuguese Studies and deal either partly or wholly with the figure of Beresford. Firstly, there is *O Cemitério dos Ingleses, Elvas* (2019), in which there is a chapter devoted to the intervention of the British Field-Marshal in Portugal and secondly, the recent and much-awaited biography entitled *Marshal William Carr Beresford: ‘The Ablest Man I Have Yet Seen With the Army’* (2019), written by Marcus de la Poer Beresford. The review of the biography underlines the fact that, contrary to the version generally accepted in Portuguese historiography, and more specifically in Sttau Monteiro’s dramatisation of the events, Marcus Beresford argues that his illustrious forbear had no part in the arrest of Gomes

Freire de Andrade and the death penalty which followed. In a happy coincidence, Marcus de la Poer Beresford has honoured this issue with an article of his own – “Marshal William Carr Beresford and the Return to Portugal of the Portuguese Royal Family (1814-1830)” – in which he defends this thesis, arguing that Beresford was not responsible for the death of the conspirators. The article adds much which is new on Beresford’s relationship with Portugal, especially concerning his return to the country in 1820, the mutual trust he shared with the King and the relations he maintained with both absolutists and liberals up to the outbreak of the Civil War, which up to a certain point characterised the attitude of London towards Lisbon over the same period.

The liberal regime inaugurated in 1820 was badly received by the more conservative sectors of the population who demanded a return to absolutism. Heading the discontented faction was the Queen, D. Carlota Joaquina and her son D. Miguel, who refused to swear allegiance to the Constitution of 1820. Consequently, when an absolutist uprising took place in the North of the country in 1823, it encouraged the supporters of the Queen and the Prince to revolt. The so-called “Vila Francada” took place on the 27th May 1823, accompanied by cries of support for the absolute monarchy, and it is clear that the Queen and her son planned to force the abdication of the King, D. João VI, who remained faithful to his oath to defend the Constitution. D. Miguel was obliged to submit to the King’s authority, however, but Parliament dispersed, several liberal politicians departed for exile and the absolutist regime was reinstated, although the King prevented the most radical faction from taking power and succeeded in maintaining a relatively liberal stance. D. Carlota and D. Miguel and their supporters continued to conspire, however, and less than a year later another absolutist revolt broke out – the “Abrilada”, so called because it took place on April 30th 1824, which ended with D. Miguel’s exile in Vienna whilst D. Carlota was confined to the Palace of Queluz. After his father’s death in March 1826, D. Miguel returned to Portugal, where he reigned between 1828 and 1832. The events which took place between 1823 and 1826 are fictionalised

in a British historical novel based on the life of D. Carlota Joaquina which is the subject of an article by Gabriela Gândara Terenas entitled “*Never a Saint: D. Carlota Joaquina Protagonista de Episódios das Lutas Liberais num Romance Histórico Britânico*”. In a review of a recent book by Malyn Newitt, entitled “*The Braganzas. The Rise and Fall of the Ruling Dynasties of Portugal and Brazil, 1640-1910*. (London: Reaktion Books, 2019)” the same author pays particular attention to the members of the Braganza dynasty whose lives are included in the period under study in this issue: D. João VI and his sons, D. Pedro and D. Miguel.

In “Tomás Guilherme Stubbs (1776-1844), Oficial do Exército Português de 1800 a 1844”, a biographical sketch of a previously unknown, heroic Anglo-Portuguese officer who was devoted to the liberal cause, Rui Moura recalls some of the more important episodes in the period under study from the viewpoint of Anglo-Portuguese relations. These include the defence of the city of Oporto in 1826, with British support, when royalist regiments which had deserted to Spain attempted to restore absolutism; Stubb’s participation together with other emigrés in Britain in the “Belfastada” in 1828, and the part he played at the side of Saldanha in the siege of Oporto in 1833. The failure of the “Belfastada” obliged many of the liberals who had taken part in this attempt to restore the Constitutional regime to return to exile in Britain. Amongst them was Pereira do Lago, whose exile in England is the subject of Maria Zulmira Castanheira’s article entitled “Exílio e Escrita de Viagem ao Tempo do Liberalismo: a Experiência do Brigadeiro António Bernardino Pereira do Lago em Inglaterra: Ver e Aproveitar”, which focusses on the particular way he experienced his stay, which he relates in the form of a travel account in which he expresses his great admiration for the freedom which prevailed at the time in the country which had given him refuge, in comparison with the oppressive regime imposed by D. Miguel in Portugal.

In addition to the articles which are specifically devoted to the theme of the present issue of *REAP/JAPS*, we are delighted to present Teresa Pinto Coelho’s review of Cláudia Pazos Alonso’s book, *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture. Pressing for*

Change (Oxford: Legenda, 2020) and Miguel Alarcão's project under the heading "*As Cartas de Inglaterra* (1973) de D. Pedro Homem de Mello (1904-1984)". The former review covers the activities of an Anglo-Portuguese woman, Francisca Wood, in the Portuguese press in the second half of the nineteenth century. Although this writer has previously been studied within the scope of Anglo-Portuguese Studies, Teresa Pinto Coelho underlines the fact that in Cláudia Pazos Alonso's work Wood is portrayed as belonging to the first wave of feminism in Europe, having dealt in her editorials with subjects such as the relationship between the sexes, women's education and the political rights of women. Revealing previously unknown information discovered by Pazos Alonso on the life of the Woods in Lisbon and on Francisca's journalistic career, the author emphasises the fact that this Anglo-Portuguese writer belonged to a trans-national network comprising European and North American figures who were involved in the defence of women's rights. Miguel Alarcão's project reveals new work to be carried out in the area of Anglo-Portuguese Studies, involving the analysis of fifty-one poems by Pedro Homem de Melo, which are evocative of British personalities, places and environments as well as the origins of the teaching and learning of the English language in state and private schools in Portugal and Anglistic studies, taking as its point of departure the British Institute in Portugal, with whose foundation Homem de Melo was associated.

This issue is dedicated to the memory of our dear and sadly-missed colleague António Bernardo Lopes, of the University of the Algarve, who left us suddenly and far too soon. A regular contributor to *REAP/JAPS* and a member of its editorial board, as well as an active participant in several of the research groups belonging to CETAPS, António Lopes will be remembered, as an enthusiastic supporter of Anglo-Portuguese Studies, but above all, as an excellent colleague and a first-class researcher. He has left his colleagues with fond memories and the promise of a remarkable academic career.

October 2020
Gabriela Gândara Terenas